



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

SOJA EM ALTA, MILHO ESTÁVEL E TRIGO EM BAIXA

Comentários referentes ao período entre 01/09/2023 a 07/09/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/09/2023	13,56	412,70	66,55	5,67	4,64
04/09/2023	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
05/09/2023	13,49	406,30	66,00	5,72	4,71
06/09/2023	13,60	408,10	65,35	5,81	4,71
07/09/2023	13,45	403,40	63,86	5,71	4,70
Média	13,52	407,62	65,44	5,73	4,69

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	143,00	
RS – Não Me Toque	143,00	
RS – Londrina	132,00	
PR – M.C.Rondon	132,00	
MT – C.N.Parecis	114,00	
MS – Maracaju	130,00	
GO - Rio Verde	123,00	
BA – L.E.Magalhães	127,40	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	52,00	
SC – Rio do Sul	54,00	
PR – M.C.Rondon	43,00	
PR – Londrina	43,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	41,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	55,00	CIF
GO – Rio Verde	44,00	
GO – Jataí	44,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	56,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	52,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	

Período: 06/09/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 07/09/2023

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,27	144,86	59,69

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 07/09/2023

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	95,67
Feijão (saco 60 Kg)	254,91
Sorgo (saco 60 Kg)	41,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,08
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,19**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,07

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta semana, onde dois feriados (na segunda-feira nos EUA e na quinta-feira no Brasil) a deixaram mais curta, as cotações da soja, em Chicago, registraram recuo. O fechamento desta quinta-feira (07), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 13,45/bushel, contra US\$ 13,60 uma semana antes. Vale destacar que as cotações do farelo e do óleo igualmente recuaram, com o primeiro fechando o dia 07/09 em US\$ 403,10/tonelada curta e o segundo em 63,86 centavos de dólar por libra-peso. Por outro lado, a média do mês de agosto fechou em US\$ 13,88/bushel, o que representa um recuo de 8% no valor do bushel em relação a julho. Para comparação, a média de agosto de 2022 havia sido de US\$ 15,69, ou seja, quase dois dólares a menos.

As baixas da semana se devem a valorização do dólar nos EUA, o qual tira competitividade do produto local; do avanço da colheita estadunidense, mesmo que em proporções pequenas ainda; e da falta de uma demanda mais consistente pelo produto estadunidense. (cf. Successful Farming)

Mesmo assim, vale destacar que os últimos dados chineses mostram que as importações de soja, por parte da China, teriam aumentado 31% em agosto, chegando a 9,36 milhões de toneladas, com as esmagadoras locais buscando aproveitar ainda o produto mais competitivo do Brasil.

Dito isso, a qualidade das lavouras estadunidenses recuou. No dia 03/09 as lavouras de soja, nos EUA, apresentavam 53% em condições entre boas a excelentes, 30% regulares e 17% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, na semana encerrada em 31/08, os EUA embarcaram 378.595 toneladas de soja, ficando o volume dentro das expectativas do mercado. Com isso, no acumulado do atual ano comercial, os EUA embarcaram 52,2 milhões de toneladas, representando 8% a menos do que no mesmo período do ano passado.

Enquanto isso, na União Europeia, bloco econômico formado por 27 países, houve redução na perspectiva de sua safra de oleaginosas em geral (colza, girassol e soja). A produção de colza, a principal cultura de oleaginosas do bloco, passou para 18,9 milhões de toneladas, contra 19,4 milhões do ano passado. Para o girassol, a perspectiva para a safra deste ano caiu para 10,3 milhões de toneladas, porém, ainda é cerca de 10% acima da produção de 2022. Enfim, para a soja, a previsão de produção recuou para 2,84 milhões de toneladas, porém, cerca de 14% acima do nível do ano passado. (cf. Strategie Grains)

E no Brasil, mesmo com o recuo em Chicago, a melhoria nos prêmios nos portos nacionais, confirmando a tendência (Paranaguá trabalha, para o restante deste ano, com prêmios entre US\$ 0,50 e US\$ 0,55/bushel positivos), e um câmbio que voltou para perto dos R\$ 5,00/dólar (R\$ 4,98 no início das atividades da sexta-feira, 08/09), manteve os preços da soja em elevação moderada. A média gaúcha fechou a primeira semana de setembro em R\$ 144,86/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 143,00. Para comparação, na mesma época do ano passado, a média gaúcha foi de R\$ 173,78/saco. Ou seja, mesmo com a melhoria dos preços internos da soja, em relação ao primeiro semestre, o atual preço médio gaúcho ainda está R\$ 28,92/saco abaixo do registrado um ano antes. Já nas demais praças

nacionais o preço da soja pouco se alterou (no Rio Grande do Sul as altas de preço se dão pela menor oferta do produto, devido as constantes quebras de safra, inclusive na última colheita), porém, registrando viés de alta, com os mesmos girando entre R\$ 114,00 e R\$ 132,00/saco.

Em tal contexto, vale destacar que o Indicador ESALQ/BM&FBovespa Paranaguá subiu 1,32% no acumulado de agosto, indo para R\$ 151,51/saco no dia 31/08. Já o Indicador CEPEA/ESALQ Paraná subiu 1,4% no mesmo comparativo, a R\$ 141,90/saco FOB no fechamento do mês passado. A elevação nos valores foi intensificada na última semana de agosto, devido à maior demanda, sobretudo externa. (cf. Cepea)

Em paralelo, as projeções para a futura safra de soja do Brasil, a ser colhida em 2024, indicam um volume ao redor de 163,6 milhões de toneladas, com nova alta sobre a semana anterior. A área total no Brasil está projetada em 45,14 milhões de hectares, aumento de aproximadamente um milhão de hectares sobre o ano anterior. Se a previsão para o país for confirmada, o Brasil colheria 3,8% a mais do que no ano anterior, dependendo da produtividade média obviamente. (cf. StoneX)

Já em Paranaguá e Antonina, o complexo soja (grão, farelo e óleo somados) movimentou, entre janeiro e julho do corrente ano um total de US\$ 34 milhões por dia, em média, na exportação. Ao todo, foram embarcadas pouco mais de 13,2 milhões de toneladas. O complexo soja, nos portos paranaenses, representa 55% de todas as cargas embarcadas neste período de 2023. O grão teve como principais destinos a China, a Coreia do Sul, Bangladesh e Rússia. O óleo de soja foi principalmente para a Índia e Bangladesh, enquanto o farelo de soja se destinou especialmente para países da Europa, como Polônia, Holanda, França, Alemanha, Eslovênia e Espanha. Mais da metade (54%) da soja em grão exportada pelo porto de Paranaguá tem como principal origem o próprio Estado do Paraná, seguido pelo Mato Grosso do Sul, com 21,7%, e São Paulo, 7,3%. O farelo embarcado por Paranaguá também é, em grande parte, proveniente do próprio Paraná, com 55% do total. Na sequência, aparece o Mato Grosso do Sul, com 16%, e Mato Grosso, 14%. Enfim, o Paraná representa cerca de 40% da origem do óleo de soja embarcado via Paranaguá. Mato Grosso (15%), Goiás (9,6%) e Mato Grosso do Sul (8%) aparecem na sequência. (cf. Camex)

Por sua vez, de janeiro a julho de 2023, as exportações brasileiras do complexo soja chegaram a 87,2 milhões de toneladas, lideradas pela soja em grão (72,5 milhões de toneladas), farelo de soja (13 milhões de toneladas) e óleo de soja (1,7 milhão de toneladas). Os portos paranaenses ocupam o segundo lugar geral no segmento entre os portos brasileiros no período de janeiro a julho deste ano. Em termos de Brasil, os portos paranaenses representam 14,8% do total exportado no complexo soja nacional. Por produto, o Paraná aparece em quarto lugar na exportação de soja em grão, o segundo lugar em farelo e o primeiro lugar em óleo de soja. (cf. Camex)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, terminaram a primeira semana de setembro em leve alta. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (07) em US\$ 4,70/bushel, contra US\$ 4,61 uma semana antes. A média de agosto ficou em US\$ 4,75, ou seja, 13,3%

abaixo da média registrada em julho. Já na comparação anual, a queda é mais expressiva, já que a média de agosto de 2022 foi de US\$ 6,32/bushel.

Dito isso, no dia 03/09 as condições das lavouras de milho, nos EUA, apresentavam 53% entre boas a excelentes, 29% regulares e 18% entre ruins a muito ruins.

Já os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 31/08, atingiram a 481.309 toneladas, ficando pouco acima do limite inferior esperado pelo mercado. Com isso, o total já embarcado do cereal, pelos EUA, no atual ano comercial, chega a 37,3 milhões de toneladas, volume que é 32% inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, o quadro de preços continua sendo de estabilidade, com viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 53,27/saco, enquanto as principais praças ficaram em R\$ 52,00. Já no país, o preço oscilou entre R\$ 35,00 e R\$ 54,00/saco.

Geadas e fortes chuvas, com enchentes em muitas regiões, podem ter causado estragos nas lavouras recém semeadas do Rio Grande do Sul. Os prejuízos ainda precisam ser avaliados. Enquanto isso, a produção da safra de milho verão, no Brasil, sofre uma primeira redução, na altura de 1,5%, com o volume final ficando projetado, agora, em 28,2 milhões de toneladas. Ainda sem considerar os estragos no Estado gaúcho, a produção da primeira safra de milho do Brasil, cujo plantio já começou, cairia devido a um recuo de 3,16% na área plantada nacional, para 4,07 milhões de hectares. (cf. StoneX)

Em termos de plantio da safra de verão, até o final de agosto o Centro-Sul brasileiro teria atingido a 13% da área esperada, contra 9% no mesmo período do ano anterior. Por sua vez, a colheita da atual safrinha de milho chegou, em 31/08, a 88% da área semeada no Centro-Sul brasileiro, contra 98% no mesmo período do ano anterior. (cf. AgRural)

E no Mato Grosso, a produtividade da safrinha foi consolidada em 116,8 sacos/hectare, com alta de 14,3% sobre o ano de 2022. Com isso, a produção final de milho, naquele Estado, chegou a 52,5 milhões de toneladas, ou seja, 19,8% acima da registrada no ano anterior. Para a futura safra 2023/24, a expectativa é de um recuo de 2,8% na área semeada da safrinha, com a mesma ficando em 7,28 milhões de hectares. O recuo se deve ao forte recuo nos preços do cereal. Em clima normal, a produtividade média esperada poderá alcançar 103,7 sacos/hectare, com uma produção final de 45,3 milhões de toneladas, ou seja, 13,8% menor do que a atual colheita. (cf. Imea)

Já no Paraná, a colheita da safrinha atingia a 79% no final da semana passada. Das lavouras ainda a colher, 76% estariam em boas condições, 22% regulares e 2% ruins. Por outro lado, o plantio da nova safra de verão naquele Estado chegou a 26% da área esperada, no início da presente semana. (cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul, a colheita da safrinha iniciou o mês de setembro com 65,6% da área concluída, contra 88,6% na média histórica para este período. O preço médio, no Estado, na semana entre os dias 28/08 e 01/09, ficou em R\$ 38,38/saco, sendo que até o início do corrente mês 41,2% da safra havia sido comercializada. (cf. Famasul)

Enfim, pelo lado das exportações, o Brasil fechou agosto com embarques totais na altura de 9,4 milhões de toneladas de milho, ou seja, um aumento de 26,2% sobre o total exportado em agosto do ano passado. É graças a esta elevação das exportações que os preços internos do milho se estabilizaram. O preço por tonelada exportada caiu 12,2% no período, saindo dos US\$ 272,10 no ano passado para US\$ 238,80 em agosto do corrente ano. (cf. Secex)

Para setembro, conforme a Anec, espera-se exportar 9,7 milhões de toneladas do cereal, contra 6,85 milhões em igual mês do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, fecharam esta primeira semana de setembro em US\$ 5,71/bushel (dia 07/09), contra US\$ 5,73 uma semana antes. A média de agosto fechou em US\$ 6,13, ou seja, 9,4% abaixo da média de julho. Lembrando que a média de agosto de 2022 foi de US\$ 7,84/bushel. Isso significa que o bushel de trigo, em Chicago, fechou agosto/23 com valor médio 21,8% abaixo do valor médio alcançado um ano antes.

Dito isso, o trigo de primavera, nos EUA, no dia 03/09, apresentava 74% da área colhida, contra 77% na média histórica para esta data. Lembrando que o trigo de inverno já está colhido há algumas semanas.

Ao mesmo tempo, na semana encerrada em 31/08, os EUA embarcaram 299.862 toneladas de trigo, ficando pouco acima do limite inferior esperado pelo mercado. Com isso, no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho para o trigo, os embarques estadunidenses do grão chegam a 4,33 milhões de toneladas, isto é, 24% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda internacional, o Egito anunciou a compra de 500.000 toneladas de trigo russo nesta última semana. O preço médio da tonelada teria sido ao redor de US\$ 270,00 em uma base CIF. (cf.Reuters)

E na Austrália, a previsão de safra foi diminuída em 800.000 toneladas, ficando agora em 25,4 milhões de toneladas, devido aos efeitos climáticos que por lá ocorrem. A Austrália é um grande exportador, fornecendo grãos para importadores como China, Indonésia e Japão. A produção de trigo de inverno, na Austrália, deverá cair 36% na comparação com o ano anterior, ficando 4% abaixo da média de 10 anos. Já a produção de cevada cairá 26%, para 10,5 milhões de toneladas, 6% abaixo da média de 10 anos. E a produção de canola, naquele país da Oceania, cairá 38%, para 5,2 milhões de toneladas, mas permanecerá bem acima da média de 10 anos. (cf. Reuters)

E na Argentina, ao contrário dos estragos provocados no sul do Brasil, as chuvas recentes vieram em boa hora, aliviando o estresse hídrico que as lavouras de trigo vinham enfrentando. E as previsões são animadoras no lado argentino na medida em que mais chuvas são previstas neste mês de setembro. A umidade é ansiosamente aguardada pelos produtores, que estão buscando se recuperar após uma seca histórica que causou perdas enormes nos últimos anos, especialmente em 2022/23. (cf. Bolsa de Comércio de Rosário)

E no Brasil, os preços do trigo continuam com viés de baixa, apesar de leve recuperação em algumas praças nesta semana. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 59,69/saco, enquanto nas principais praças locais o produto foi negociado entre R\$ 56,00 e R\$ 60,00/saco. Já no Paraná os preços caíram para R\$ 52,00/saco. No ano passado, nesta época, a média gaúcha do cereal era de R\$ 94,56/saco e no Paraná os preços oscilavam entre R\$ 98,00 e R\$ 100,00/saco. Ou seja, nos dois Estados maiores produtores de trigo do país, os preços do cereal, nos últimos 12 meses, recuaram entre 37% (para a média gaúcha) e quase 50% (para a média do Paraná).

O destaque semanal é para as perdas ocorridas no Rio Grande do Sul devido as últimas geadas e, mais recentemente, ao excesso de chuvas com enchentes significativas em algumas regiões do Estado. Estas perdas ainda não foram contabilizadas, porém, considerando ainda a tendência de clima chuvoso para o restante de setembro e outubro, é certo que a safra gaúcha não será mais no volume projetado. Pelo menos no que diz respeito ao produto de qualidade. Já era previsível desde que a meteorologia anunciou a chegada do fenômeno El Niño, ainda no final do primeiro semestre. Esta nova realidade poderá estancar a queda nos preços do trigo gaúcho, porém, ainda é muito cedo para se ter uma definição a respeito.